

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

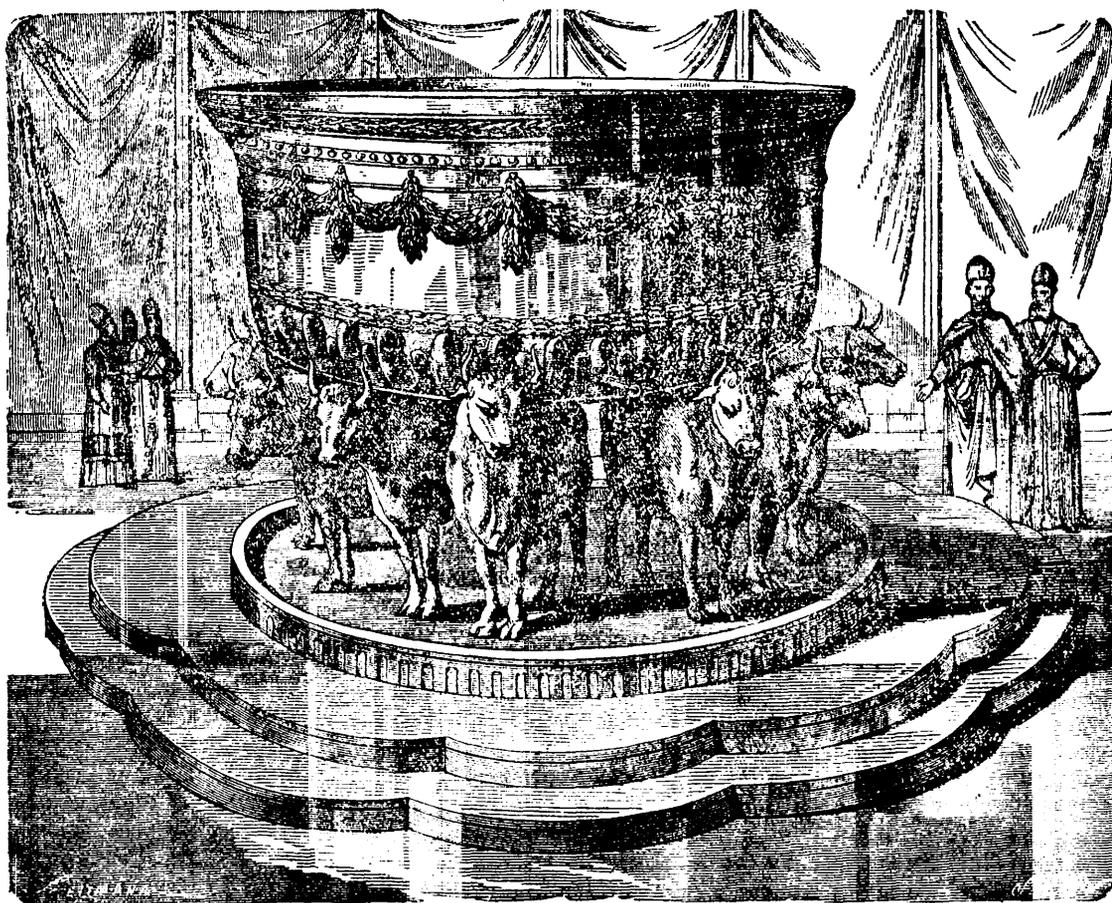
RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã (XLV) Venturas*, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *A confissão sacramental (II)*, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — SECÇÃO HISTORICA: *A libertadora de Paris*. — SECÇÃO CRITICA: *Governos*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Commutação de vontade*; — *Sagração de altares*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Ave!* pelo ex.<sup>mo</sup> snr. João P. Mineiro; — *Semiramis*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida; — *S. Camillo de Lellis (continuação)*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. J. P. Mineiro. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Lago de bronze*; — *S. Bonifacio, Bispo e martyr*. — SECÇÃO NECROLOGICA. — RETROSPECTO.

Gravuras: *Lago de bronze*; — *S. Bonifacio, Bispo e Martyr*.



LAGO DE BRONZE

## SECCÃO DOCTRINAL

## Milicia Christã

XLV

FÉ NA MENTE — FÉ

Essa luz que a divina misericórdia incendeu no mundo, para que allumiasse os homens, que vão por entre as sombras do tempo caminho da eternidade.

Esse clarão da infinita sabedoria, que nos deixa vêr os insondáveis mysterios da divindade na sua fulgurancia magestosa.

Essa sciencia, que levanta a nossa mente pobre acima do firmamento e lhe mostra horisontes de luz, que sempre brilha, sem que jámais se turbe, porque as sombras do erro lá não chegam, as nuvens da vaidade allí não tocam, a presumpção não penetra, porque allí a ignorancia e a soberba não tem parte.

A fé, sopro divino, que inspira aos pobres mortaes vida d'immortal ventura, é o mais racional obsequio de submissão que o entendimento humano tributa a Deus, que revela, e ao divino magisterio da Egreja, que a revelação nos ensina: é o tributo de mais nobre gratidão que o coração paga ao Deus bondoso, que o guia em caminhos de luz e d'amor, por entre as miserias da vida, a uma esperançosa eternidade.

A fé é a poderosa alavanca, que nos levanta do nosso nada até pôr-nos nas relações mais intimas com a propria divindade.

A fé é o brazão heraldico dos christãos, é o reverbero do amor divino, que nos bafeja, o clarão da divina luz, que nos vivifica, o paternal ensino do pae, que mais nos ama, e da mãe, que melhor nos quer; na tribulação nos dá alento, paciencia nas horas de prova, serenidade nos perigos, temperança nos prazeres, prazer na penitencia, constancia na oração e no trabalho, e firmeza nos bons propositos.

Aureola de luz que circundando o entendimento humano o vivifica, o enobrece, o formoseia e o levanta aonde vê claro o pouco que tem e o muito que lhe falta e absorto perante esse clarão, que a bondade divina lhe apresenta, humilde e grato com o seu Deus falla, e mais luz lhe pede e o Pae das luzes, que se recreia em as espalhar, entre os que humildes as vão ao céu demandando, mais e mais luz ao pobre entendimento communica.

Oh! como é triste vêr que tantos dos nossos irmãos sepultados uns nas tris-tissimas sombras da ignorancia e voando outros sem direcção fixa no balão

da soberba, repellem esta luz da fé christã sympathica e salvadora!

Que valem as sciencias todas, se a fé divina não nos illustra, o que é a subtilidade dos logarithmos sem a simplicidade do *credo*?

As sciencias humanas são formosas, como as flores, amenas, como os prados no mez d'abril, harmoniosas, como o canto das Sirenas, mais subteis que o ether, mais meigas que as rolas, e mais luminosas que o sol; mas deixam que o entendimento se perca nas sombras da soberba, nas trevas da presumpção e na mais escura noite da incredulidade: e deixam o pobre coração mirrar-se na anciedade mais pungente, nas maguas mais amargas, na aridez mais triste, nos azedumes mais azedos e nas tristezas mais tristes.

Sem essa luz divina, mal se vislumbra a nobreza da nossa origem e peor ainda a sublimidade do nosso destino, e mal se mede o alcance do nosso entendimento, e torna-se impossivel abriremos passo até á consecução d'essa paz, d'essa alegria, d'esse descanso, d'essa ventura, d'essas delicias, que no nosso racional instincto imos buscando além do tempo e do espaço na immensuravel eternidade.

Oh! essa luz, essa fé dos christãos, é a luz mais luminosa para o entendimento humano, porque o leva á região serena onde sómente a verdade reina, porque allí a ignorancia não cabe, a duvida não entra, a mentira repugna.

Se Deus falla, a verdade surge esplendente e luminosa, a imaginação cede-lhe o passo e o entendimento descansa e os seus fulgores meigos vem embalar o coração em delicias perfumadas com um quê de sobrenatural e divino.

Seja entre nós, os que militamos na milicia christã, nosso primeiro cuidado, nossa sollicitude mais ufanosa, conservarmos esta fé no esplendor da sua realidade divina.

Seja o nosso mais christão afan espalhar essa luz para que os tristes gozem e os cegos vejam.

Mas não o intentemos conseguir com palavras occas: mas sim com a oração fervorosa, com suspiros d'amor dirigidos ao amantissimo Salvador dos homens e a sua Mãe Santissima, com obras de caridade, d'abnegação e de sacrificio, porque a obra não é nossa; mas sim do Pae das luzes *qui ubi vult spirat*.

DR. JOSÉ RODRIGUES COGAYA.

## A confissão sacramental

II

N'outro artigo me occupei d'este assumpto, fallando em geral da necessidade da confissão auricular. Notei a repugnancia dos christãos em praticar este acto e ao mesmo tempo a difficuldade de o fazer bem. Conclui por dizer que o maior numero de christãos se condemna por causa das confissões nullas.

E' esta uma verdade innegavel, que affirmam todos os auctores de theologia moral, e a mesma rasão confirma; porquanto é rarissima a confissão sacramental que tenha as condições necessarias para a sua validade.

A este respeito citei a recommendação que Santa Theresa de Jesus fez a um prégador: «Padre, deveis prégarmuitas vezes contra as confissões mal feitas», porque o demonio não tem outro laço em que tantas almas colha como no das confissões nullas.»

E' uma consequencia da difficuldade da confissão. Porquanto nada ha que mais revolte a soberba e offenda o amor proprio do que a revelação voluntaria das proprias culpas e das torpezas do coração e da alma.

E', porém, certo que, emquanto o homem orgulhoso não vier cair aos pés do sacerdote que está no confessorio, a sua vida não é senão uma serie de imposturas.

Mas, para que a confissão seja fructuosa e consiga o seu fim, é absolutamente necessario que seja bem feita, e não uma mera formalidade, um acto de politica, como é considerada pela maior parte dos christãos.

E', com effeito, triste esta affirmativa, mas é uma verdade innegavel.

Dá-se uma crassissima ignorancia a este respeito: muitas pessoas ricas e nobres, e até com fumos de litteratas (supponamos que se presam de catholicas) não sabem as condições que são necessarias para fazer uma boa confissão!!

E' esta uma das coisas que, primeiro que tudo, se deve ensinar, e assim é de costume, aos meninos que se preparam para receber pela primeira vez o sacramento da Penitencia, em cumprimento do preceito da Egreja.

Ora quatro coisas são necessarias para uma boa confissão, a saber: exame de consciencia, confissão de bocca, contrição de coração, satisfação de obra. São estas as partes que constituem o sacramento. As tres primeiras são de necessidade, sendo a terceira de todas a mais indispensavel e absolutamente necessaria para que o penitente obtenha o perdão das suas culpas.

A ultima parte, isto é, a satisfação de obra, ou o cumprimento da peniten-

cia dada pelo confessor, é parte integral do sacramento, e não essencial, uma vez que o penitente o acceite com intenção de satisfazer.

Notarei, além d'isso, que a confissão e a contrição devem ser acompanhadas d'um firme proposito de emenda. Por falta d'esta condição ficam nullas a maior parte das confissões.

A este respeito diz um pio escriptor: «Póde muito bem acontecer que, ainda depois de bem feita uma confissão, se torne a recahir (tal é a nossa miseria!); mas se aquelle que se confessa recahe logo no mesmo peccado e volta immediatamente ás antigas occasiões e se mette nos mesmos perigos, é muito e muito para temer que a dôr e proposito fossem fingidas e a confissão ficasse nulla.»

E', em verdade, o que acontece geralmente, ainda suppondo que o homem faça toda a diligencia por executar as condições mencionadas, as quaes, todavia, não são feitas na forma devida.

Muitos christãos dos nossos dias — e sem errar podemos dizer que o maior numero d'elles — entendem que, praticando o acto externo da confissão, teem satisfeito ao preceito da Igreja. Do exame, da contrição e do proposito de emenda não teem o minimo cuidado.

E' grande, muito grande, a ignorancia do povo sobre um ponto de tanta importancia, de que se deriva absolutamente a felicidade eterna.

A ignorancia, fallando em geral, da religião, foi sempre, em todos os tempos, a causa de se perder a fé em muitos formosos reinos que deram tantos justos á terra e tantos santos ao ceu. Luthero, Calvino e outros monstros nada conseguiriam, se os povos estivessem instruidos nos fundamentos ineluctaveis da religião catholica que professavam. N'esta affirmativa são concordes todos os sabios.

Não é de estranhar que entre nós haja tão pouca fé e tanta corrupção de costumes: ignora-se a religião, e é quanto basta.

Era quasi no fim da quaresma, e, fallando-se em certa sociedade da necessidade de ir á confissão para cumprir o preceito da Igreja, disse um dos circumstantes: — Eu já me confessei esta quaresma; bem me custa, mas emfim até ao anno seguinte estou livre d'este incommodo. . . .

Este era dos taes que consideram a confissão como um dever politico! E' é grande o numero dos que assim pensam.

Que lamentaveis consequencias não produz a ignorancia da religião! Dizia o grande Bossuet que a religião não teme senão o ser ignorada; não se vê contradicta senão por homens que se não querem dar ao trabalho de conhecer e

estudar a santidade dos seus dogmas, a pureza da sua moral e a sabedoria da sua disciplina.

Deixando, porém, de parte os descrentes, e fallando geralmente dos que presumem de christãos, é certo que são rarissimos os que se confessam bem ou porque não sabem nem procuram saber ou mesmo porque não querem.

O coração estremece, e parece que o sangue se gela dentro das veias só ao considerar esta desgraça da maior parte dos chamados christãos!!

Esta grande dificuldade de fazer uma boa confissão, como acabamos de ver, dá-se da parte do penitente; mas não é menor o que provem do confessor. E', com effeito, o acto mais difficil do ministerio sagrado.

E' o mais difficil de todos, sendo o mais importante, diz expressamente S. Francisco de Sales. E' o mais importante, porque a elle se dirigem todas as sciencias. E' o mais difficil, porque exige um vastissimo conhecimento das sciencias e artes, sobretudo a sciencia da theologia moral.

S. Gregorio Magno affirma que a direcção das almas é a arte das artes; e n'isto concorda Santo Affonso de Liguori, acrescentando que não é raro encontrar grandes theologos tão superficiaes em moral como profundos nas sciencias especulativas.

Ha grandes litteratos, distinctos sabios, mas sem geito para dirigir o espirito do homem.

Ora dizia o Papa S. Pio V: «*Dentur idonei confessori, ecce omnium christianorum plena reformatio*: Haja confessores idoneos, e haverá uma perfeita reforma em todos os christãos.»

Já se vê, portanto, quanto é difficilimo o ministerio do confessor.

O doutissimo Padre Gaume escreveu, como é sabido, a grande obra, por todos elogiada, *Manual dos Confessores*; é uma habil e sabia collecção da doutrina de diversos santos acerca da administração do sacramento da Penitencia.

No prefacio diz o auctor:

«Se todos os fieis fossem ainda hoje confessados e dirigidos por S. Carlos Borromeu, por S. Francisco de Sales, por S. Francisco Xavier, por S. Philippe de Neri, etc., elles nem se confessariam mal, nem seriam mal dirigidos. Por outra parte, se todos os confessores, principalmente os noviços, podessem dizer a si mesmos: eu confesso como S. Carlos, como S. Francisco de Sales, como S. Francisco Xavier, como S. Philippe de Neri, etc.; eu sigo as mesmas regras, cuja applicação os santificou e a bastantes outros com elles, não fariam de seu santo ministerio um motivo de escrupulo e de tormento.»

Foi para este fim que o Padre Gaume compoz a sua obra colleccionando, sem

augmento, nem diminuição, nem mudança, nem commentario, os escriptos dos santos que foram habeis mestres na sciencia das almas.

Mas, ainda uma vez, quanto não é difficil similhante ministerio! Dificuldades da parte do penitente, e difficuldades da parte do confessor.

D'onde concluo: são poucos, muito poucos, os que se confessam bem. Não ha nada mais certo.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO HISTORICA

### A libertadora de Paris

COMO os olhos repoisam bem sobre a santa imagem da virgem de Nanterre! como o coração se compraz a contemplar o pieioso modelo de todas as virtudes modestas! que immensa satisfação se sente no espirito ao lembrar os factos da vida tão pura e tão completa d'aquella que salvou Paris da invasão dos barbaros e dos horrores da fome! Quem póde, sem experimentar uma commoção profunda, desviar seus olhares da celeste joven que, com a sua palavra, venceu o formidavel exercito d'Attila, e fez descer á alma de Clovis, o arrogante Sicambres, o primeiro raio da fé?

Na sua sincera admiração pela divina protecção que implorava em suas orações, o bom povo do velho Paris ajuntou algumas fabulas grosseiras á simples e commovente historia da sua padroeira; mas se a severa critica e a fria razão fizeram mais tarde justiça ás tradições populares, a memoria de Santa Genoveva não perdeu nada passando pelo crysol da verdade; porque, desaggregada da alliança do erro, ella saiu d'esta prova mais pura, mais gloriosa e mais digna ainda de todos os respeitos.

Jovens de todos os paizes e de todas as crenças, bem merecereis o amor de vossos paes se a tomardes por modelo; meninas christãs, que a sua imagem esteja sempre deante de vossos olhos; que a sua vida esteja sem cessar presente no vosso pensamento, porque, se assim fizerdes, alcançareis sem trabalho a virtude.

Quando em 430 S. Germano d'Auxerre e S. Lopo de Troyes viajavam juntos para irem combater a heresia que ameaçava apossar-se de todos os espiritos da Grã-Bretanha, chegaram uma noite á povoação de Nanterre. Immediatamente os habitantes, sabendo da sua presença no paiz dirigiram-se em massa a pedir-lhes o Pão dos Anjos. Entre aquella grande multidão de povo,

achava-se uma pastorinha de sete annos d'idade, cujo vestuario indicava que pertencia a uma das mais pobres familias do campo: apenas vestia uma saia de linho e um paletot. Esta menina chamava-se Genoveva, e era filha d'um pastor de nome Severo e de sua mulher Gerencia. Já notavel pela sua piedade, Genoveva aproximou-se tão humildemente a receber a benção de S. Germano d'Auxerre, que este distinguiu-a entre todas as raparigas do povo, e a conservou perto de si, tendo uma mão estendida sobre a sua cabeça, como se o santo padre da Igreja tivesse conhecido por subita revelação que a pastorinha, que estava junto de si, tinha sido escollida por Deus para servir d'exemplo na terra e para ser glorificada no céo.

Depois de terminada a piedosa cerimonia, S. Germano, acompanhado da multidão, conduziu a menina á igreja para a consagrar ao Senhor. E fê-lo para satisfazer ao vehemente desejo de Genoveva; porque no fundo d'aquelle tenro coração o amor divino abrazava-se, assim como arde com um fogo sempre puro a lampada eterna que brilha sobre o tumulo de Christo.

Mas, no momento em que ia, deante do altar, dedicar-se a Deus, Genoveva voltou-se para seus paes, e pediu-lhes licença para, durante a sua vida, se entregar aos exercicios de piedade a que aquella consagração a obrigava. Esperava a menina com certa anciedade a resposta de seu pae; quanto a Gerencia, sua mãe, banhada em lagrimas, nada mais fazia que abraçar Genoveva, achando-se sem forças para lhe responder, tal era a satisfação que lhe ia n'alma. Severo franziu a sobrancelha; esta scena era escutada silenciosamente pelo povo e o Arcebispo d'Auxerre orava em alta voz para que a submissão d'aquella menina para com a vontade d'aquelles que lhe haviam dado o ser, não privasse a Igreja d'aquella que devia ser uma das suas mais gloriosas conquistadas. Então Severo disse a sua filha: «Antes de me pertenceses, foi a Deus que pertenceste: obedece á sua voz, visto que ella te chama». Genoveva baixou modestamente os olhos e veio prostrar-se aos pés de S. Germano, que lhe deu uma medalha de cobre onde estava gravado o symbolo da nossa redempção: a Cruz, entoando os assistentes canticos sagrados.

Apesar da sua mocidade, aquella menina tornou-se objecto de veneração para o povo; Genoveva voltou para o seu rebanho, vivendo ainda durante alguns annos n'essa vida modesta, simples e retirada, que ella sanctificava pelo trabalho e pela oração. Nunca a sua humildade para com seus paes era desmentida; a qualquer prova que qui-

zessem expôr a sua paciencia, achava-se sempre prompta a obedecer ás ordens que lhe eram dadas e resignada abraçava as privações que lhe impunham. Um dia, diz a lenda, Gerencia, quer por capricho, quer para experimentar a piedade e submissão de sua filha, não consentiu que ella a acompanhasse á igreja, embora ella lhe supplicasse de mãos erguidas e de joelhos; Gerencia permaneceu inflexivel, e como a menina redobrasse d'instancias, sua mãe, arrebatada pela impetuosidade da colera, deu-lhe uma bofetada. No mesmo instante a ira divina se manifestou e puniu a mãe que tão injustamente maltratou sua filha: Gerencia achou-se subitamente privada da vista; reconhecendo por este milagre que acabava de offender a Deus, usando de tanta severidade para com sua filha, cuja unica falta era a de querer cumprir os seus deveres religiosos. Genoveva conheceu logo o motivo da enfermidade que acabava de ferir sua mãe, e por uma inspiração sobrenatural apressou-se a tirar uma porção de agua do poço publico que estava proximo de sua casa. Antes de lançar o balde ao fundo do poço, orou por alguns instantes e fez o signal da cruz sobre a agua. O Senhor, que queria que a virtude d'esta menina brilhasse aos olhos de todos, concedeu á agua benzida por Genoveva a virtude de dar vista aos cegos; é d'aqui que vem a celebre tradição do poço miraculoso de Nanterre.

Severo e Gerencia morreram; a piedosa orphã acompanhou os cadaveres de seus paes ao cemiterio da aldeia, e todos os habitantes de Nanterre a seguiam com respeito; depois da morte de seus paes, Genoveva, despedindo-se dos seus visinhos e amigos, foi procurar asylo em Paris, em casa d'uma santa mulher que era sua madrinha.

Ora, n'aquelle tempo, os parisienses viviam, na sua maior parte, nas trevas do paganismo; aquelles a quem a luz da fé principiava a illuminar com os seus salutareos raios não tinham ainda uma creença firme: porisso a piedade de Genoveva e a sua humildade profunda eram para uns e outros objecto de continuos gracejos; houve até quem a tratasse como louca e visionaria e quem amotinasse o povo contra ella!

Enquanto Genoveva era opprimida de sarcasmos e insultada nas ruas, uma terrivel noticia se espalhou em Paris: Attila, rei do Hunos, havia emposto o Rheno, saqueado Metz, e destruiu todas as cidades que encontrava na sua passagem; Attila, á frente de uns trezentos mil barbaros, avançava sobre Paris, e compromettera-se a arrazar esta cidade, e a deixar ficar d'ella apenas o nome.

A virgem de Nanterre, como dizia-

mos, era então o alvo dos insultos do povo; entretanto chegou a noticia da proxima invasão d'Attila; Genoveva, a quem, como de costume, a multidão ameaçava, não recebeu approximar-se da massa do povo e fallar-lhe do perigo que a patria corria, da vergonha que sentia em deixar entregar sem defeza a cidade que os seus habitantes queriam abandonar; exaltou-lhe o poder de Deus que adorava; prometteu milagres a troco do jejum e da oração, e annunciou, em nome do Senhor, que o rei dos Hunos e o seu numeroso exercito não ousariam apresentar-se na cidade de Paris, se o povo se submettesse ao christianismo e haurisse n'elle a força necessaria para triumphar gloriosamente.

A principio todos a injuriavam, e a população inteira persistiu na resolução que acabava de tomar: refugiar-se nos campos; mas Genoveva, a quem um poder superior impellia, elevou mais alto a voz; as suas palavras calaram emfim no coração d'aquelle povo, que a escutava com enthusiasmo: a inspiração divina, que brilhava nos olhos da heroica pastora, penetrou em todas as almas. Conseguiu incutir, pouco e pouco, a confiança em todos os espiritos e tambem, pouco e pouco, fez penetrar a fé em todos os corações: os mais endurecidos se enterneceram; os mais timidos encheram-se de coragem; Genoveva foi conduzida em triumpho á cidade e benzeu as armas d'aquelles que se decidiam a orar e a combater. A noticia d'estes preparativos de ataque patriotico chegou ao campo d'Attila, o qual, pela primeira vez, mostrou fraqueza, duvidando sahir victorioso do projectado ataque, temendo bater-se com um povo tão renitentemente resolvido antes a morrer do que a submeter-se ao captivo que o ameaçava; o exercito dos barbaros mudou de rumo e foi investir contra Orleans. Assim se salvou Paris d'uma invasão, graças á santa confiança que uma menina de 15 annos depositava na misericordia de Deus.

.....  
Chegamos a uma deploravel epocha de fome. Imagine-se um sequito de viajantes pallidos, magros, cobertos de farrapos, que seguem sómente de noite os caminhos desviados das estradas ordinarias, e que se escondem nos bosques quando se julgam á vista dos numerosos batalhões de soldados que enchem as estradas. Estes pobres viajantes são os enviados de Paris que vão em busca de viveres a Arcis-sur-Aube para abastecer a cidade que o rei Childerico tem sitiada, e que a quer obrigar a render-se pela fome, visto que não pôde apoderar-se d'ella pela força das armas.

Para emprender esta perigosa viagem, necessitavam os parisienses ter uma illimitada confiança no guia que lhes indicava os escabrosos caminhos que tinham a seguir, para não serem vistos pelos sitiantes; este guia, como o leitor já deve ter adivinhado, era ainda a virgem de Nanterre! Foi ella que protegeu a sua partida, assim como tambem o seu regresso; a sua coragem era a sua força, e a sua prudencia a sua confiança; partiram, pois, todos com o coração cheio de esperanza, e voltaram carregados com os soccorros que ella lhes havia promettido. Geneveva, ao voltar d'esta desesperada viagem, trouxe algumas rosas no seu avental, e apenas transpôz as portas da cidade, as suas pétalas se transformaram em pães. Não nos enganamos; estas rosas eram o perfume de suas palavras que davam força e coragem áquelles que foram tão longe e affrontaram tantos perigos para mitigar a fome aos parisienses.

Childerico investindo novamente contra Paris, tornou-se vencedor; mas, ainda que pagão, rendeu homenagem á virtude de Geneveva, e, devido á oração d'esta, concedeu o perdão aos vencidos, apesar dos direitos da guerra lh'o não permittirem. Clovis inclinou-se deante de Geneveva e em presença dos chefes do exercito prometteu-lhe abraçar a fé christã, da qual foi fervoroso apostolo.

Pouco depois Geneveva morreu; elevaram-se-lhe templos em alguns dos quaes muitos reis e principes se ajoelharam implorando a sua protecção; durante alguns seculos o povo invocou o seu nome em todas as calamidades publicas; finalmente, chegou a revolução franceza, e, no entusiasmo sacrilego da victoria, a populaça queimou na praça de Grève as reliquias da sua padroeira, que ha 12 seculos eram a arca santa dos enfermos e a esperanza dos afflictos!

## SECÇÃO CRITICA

### Governos

(Ao meu amigo Izidoro S. d'Abreu)

**H**OJE que tudo falla de politica monarchico-republicana, e diz o que entende, tambem nós lá vamos apresentar o que nós parece:

Nunca podemos comprehender o governo d'um anno, d'um mez, d'um dia, quer elle seja republicano, quer monarchico; porque um governo que honra para amanhã sahir, não pôde, ainda que queira, ser um bom gover-

no; e não o pôde ser porque tem a certeza de que, guerreado pela opposição faminta do poder, é hoje o que amanhã deixará de ser, por estar como que em *casa sem dono*, aonde todos querem mandar *a seu modo*, mas aonde nenhum se interessa pela sua boa administração, como todos veem, o que em taes casos é naturalissimo. Se não, digam-nos:

O que quer dizer um governo que anda *fóra e dentro, dentro e fóra*, e ás vezes sem responsabilidade alguma? Quer dizer que pôde ser tudo, menos governo.

E que boa vontade pôde esse governo ter, quando sabe que o seu lugar em breve vae ser occupado por aquelles que ha pouco sacudira das cadeiras do poder, como elles antes lhe haviam feito? Nenhuma; porque tem a certeza d'amanhã tornar a ouvir o que ainda não ha muito escutara:

«Já lá estás ha um anno, ha dois, ou tres?... Pois bem, é tempo de te pôres no meio da rua, que agora queremos nós entrar para tornar a sahir quando tu quizeres; e, *para variar*, assim andaremos perpetuamente, porque esta *gigajoga* nunca terá fim!»

E é d'um governo... montado n'estas condições, que um povo sensato, e talvez digno de melhor sorte, espera alguma coisa com geito? Não pôde ser, porque o erro... vem do fundo: A começar pela celeberrima *eleição popular*, tudo é mal concebido!

Que conhecimento *proprio* ou *improprio* tem o *povo* razo das boas ou más qualidades do homem que elege para seu deputado? Nenhum; porque o povo, propriamente dito, é um pobre selvagem inconsciente, que tanto se presta ao bem, como ao mal; isto é, que vae para onde o puxam, como toda a gente sabe: e, se alguém o duvida, olhe para os *Vivas* e *Morras* francos de ha 100 annos, e ficará convencido; porque pelo *povo* foi dito durante perto de tres annos:

«Viva Robespierre!» E mais tarde: «Morra Robespierre!» E Robespierre viveu enquanto foi necessario que visse, e morreu quando foi conveniente que morresse, sendo guillotinado a 28 de julho de 1794!

E não foi só este que assim foi *victoriado pelo consciante entusiasmo publico*; porque muitos outros pereceram do mesmo mal, mas para exemplificar, não é preciso mais.

Que os loucos e assanhados revolucionarios de todas as côres e paizes, se revejam n'este bello espelho historico, para que um dia lhes não succeda o mesmo; porque o povo ás vezes é como as abelhas, que a seu tempo exterminam os zanganos que lhes sugam o mel.

Mas deixemos lá as *abelhas* e os *vampiros* do seu arduo trabalho. Voltando ao assumpto, temos a dizer que o nosso ideal era um governo-permanente, monarchico ou republicano, mas respeitador de todos os bons principios, e responsavel pelos seus actos, desde a mais insignificante á maior falta ou traficancia commettida no desempenho do seu cargo, sendo o infractor, além de responder pela sua falta, condemnado a não mais poder occupar nenhum cargo publico, o que em acto continuo se deveria fazer constar por toda a parte... para sua maior vergonha e confusão. Temos dito.

Era uma lei rigorosa, bem o sabemos; mas era uma lei sensata e necessaria, que os tristes resultados da corrente *Licença para tudo* farão promulgar um dia. E enquanto ella não surgir, nunca as coisas andarão bem; porque, como dizia João II,

«Quem se deixa governar  
Não é digno de reinar.»

E se n'outros tempos os *Reis-senhores* abusavam do seu poder, é certo que hoje o não fariam, não só porque o mundo d'então não é o d'agora, mas tambem porque na mesma lei estava o remedio, visto que as leis são como as fazem.

Mas com que estamos nós? De mais sabem os senhores politicos que estes governos de *toma lá, dá cá* nunca hão de valer um caracol. Quem ha ahi que em tudo isto que por ahi anda a esvoaçar, não veja uma perfeita palhaçada, uma coisa sem nome?

Ninguem; e por isso vamos recapitular o nosso pequeno escripto para terminar:

As eleições deveriam ser feitas pelos individuos mais instruidos e Moraes de cada circulo; e o governo, composto d'homens de reconhecido saber e probidade; mas, ainda assim, sujeitos a uma lei de ferro, como dito fica, para evitar... tentações, descuidos, *y otras cosas más*.

E d'esta fórma creia o mundo inteiro que teriamos bons deputados, optimos ministros e melhor governo.

Que a politica dos *vinte* nos chame louco ou sonhador, pouco importa, porque temos a certeza que a dos *cincoenta* nos applaudirá a ideia, ao menos lá no fundo da já madura consciencia, que os não deixará illudir.

ALVES D'ALMEIDA.

## SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

## Actos da Santa Sé

## Commutação de vontade

**C**LOTILDE Frati, natural de Bolonha, de 70 annos d'idade e enferma, expôz que desde o anno de 1839 tinha estabelecido a seu favor um dote de vinte escudos, proveniente da herança de Hercules Losani, com a condição de que só casando-se ou fazendo os votos sollemnes em alguma religião approvada os podia usufruir.

Chegando á dita idade sem ter feito nem uma nem outra coisa, tomou apenas o habito da Ordem Terceira de S. Francisco d'Assis, fazendo a sua profissão segundo as regras da dita Ordem, e reclamou o dote e os seus rendimentos pelo estado miseravel a que a tinha reduzido a idade e a doença, e pela profissão feita na mencionada Ordem.

O Arcebispo declarou que o herdeiro fiduciario nada allegava a favor nem contra a petição. Deu boas informações a respeito da dotada, e fez saber que, segundo a sua origem, no caso de fallecer a joven favorecida com o dote sem contrahir matrimonio nem professar em religião approvada, devia ser substituida por outra no usufructo dos vinte escudos, que tivesse os requisitos necessarios. Accrescentou que os rendimentos vencidos no tempo em que a anterior tivesse podido receber, deviam reverter a favor dos outros dotes depositados na caixa dos matrimonios.

Allegadas summariamente as razões pró e contra a recorrente, a Sagrada Congregação em 9 de agosto do anno de 1885, dignou-se resolver com respeito á graça solicitada:—*Non expedire.*

\*

## Consagração de altares

Eis a carta escripta pela Sagrada Congregação dos Ritos ao Bispo de S. Paulo, de Minerota, sobre a maneira de supprir os defeitos commettidos na sagração de certos altares d'algumas egrejas da sua diocese.

«*Reverendissimo Senhor e Irmão*—Expozeste que n'essa diocese havia mais de duzentos altares portateis consagrados de tal maneira, que o sepulcro das Sagradas Reliquias não estava coberto com lapide de marmore, mas com lacre ou outra substancia parecida. Pelo que, estando tu em duvida sobre a validade da dita sagração, perguntaste a esta Sagrada Congregação se se deveria reiterar. Esta Sagrada Congregação, ouvido o parecer d'um dos Mestres de ceremonias apostolicas e do

Assessor da Sagrada Congregação declarou: *Os altares de que se trata necessitam de nova sagração.*

«Não obstante, o nosso Santissimo Padre Leão XIII, ouvida a relação do secretario, abaixo assignado, sem conceder dispensa da nova consagração, concedeu benignamente que se vá fazendo pouco a pouco, conforme haja occasião, sem desiguar tempo para ella, empregando o rito mais breve, isto é, formando ante toda a tua auctoridade por ti ou outros sacerdotes (a quem só para este effeito se concede a facultade de poder delegar), nas aras o sepulcro das Sagradas Reliquias, e depositando-as n'elle, observando sómente as ceremonias que se prescrevem no Pontifical Romano quando dispõe que se depositem as Reliquias e se sobreponha a pedra, a saber, que se assignale o sepulcro ou a confissão com o Sagrado Chrisma, e entretanto se diga a oração: *Consecratur et sanctificatur*: depois, depositadas as Reliquias com tres grãos de incenso, e sobreposta e segura a lapide, diga-se a outra oração: *Deus qui ex omniuns cohabitatione Sanctorum...* e nada mais.»

## SECÇÃO LITTERARIA

## AVE!

Ave Maria  
Mãe do Senhor;  
Leijo d'amor  
Ave Maria.

Cheia do graça  
E formosura;  
Mãe de ternura  
Cheia de graça

Deus é contigo!  
Flôr tão brilhante,  
A todo o instante,  
Deus é contigo!

\*

E's abençoada,  
O' lyrio do Valle;  
Livra-me do mal,  
Mãe abençoada

O Fructo Bemdito  
Que de ti nasceu  
Contigo viveu.  
O Fructo Bemdito.

Seu nome é Jesus,  
Lá de Nazareth  
Que lindo que elle é!  
Seu nome é Jesus.

J. P. MINEIRO.

## SEMIRAMIS

(AO MEU AMIGO SOUZA RIBEIRO)

— Vi-a, vi-a! Sou dictoso,  
Que mimosas seducções,  
Diz o rei co'os seus botões;  
E em seu todo magestoso,  
Que abundantes perfeições!

E preso o rei dos assyrios  
Aos encantos da beldade  
Que lhe sorri com bondade  
O casto riso dos lyrios,  
Lhe diz . . . todo amenidade:

— A teus pés, ó Semiramis,  
Um rei se humilha vencido  
Que ser quer obedecillo:  
Manda, pois: Só quer que o amos,  
E tudo... será cumprido!...

— Saberás, ó grande rei,  
Que, se te devo conceito,  
Tous rendimentos accetto;  
Porque, como nunca amei,  
Por ti sinto arfar-me o peito!

— Como a Assyria te corteja,  
Rainha d'um throno firme!  
— Sim, mas has de permitir-me  
Que eu antes de o ser o seja,  
Porque quero... divertir-me!

Tres dias. não peço mais  
Para fartar-me á vontade!  
— Só isso? E não é vaidade  
Cingir insignias reaes  
Mulher de tal magestade!

E decorridos tres soes...  
Do prometido em abono,  
Eis Semiramis no throno  
Ante uma ruem de heroes  
Que fita com certo ontono.

E o monarcha á grata imagem  
Louco d'amor beija a mão,  
E todo o que é cortezão  
Alli lhe rende homenagem,  
Curvando-se... até ao chão.

E vendo-a feita rainha  
Que os grandes a incensavam  
E attentos a cortejavam,  
Pensando como convinha,  
Sorri aos que a circundavam:

— Senhores vassallos meus,  
Já que se me fez a graça,  
Quero e mando que se faça.  
— Cumpram-se os mandados teus,  
Diz á nobreza e populaça...

— Não me interrompaes, senhores:  
Quero e mando que o malvado  
Que nos tem tyranisado  
E feito soffrer horrores,  
Morra... como o condemnado!



S. BONIFACIO, BISPO E MARTYR

— Maldicta ! Que torpe engano,  
Ruge o rei sem fraquejar !  
— E' justo o crime espiar,  
Diz a bella: e n'um tyranno  
Cem povos... quero vingar !

Quero que a sua cabeça  
D'aqui a tres quartos de hora  
Se me apresente alli fóra,  
E que tudo a reconheça  
Pela do Caim de agora !...

— Vou morrer, mas sabe, ó féra,  
Torna o pobre já a andar,  
Que a historia te ha de infamar;  
Porque tu és o que eu era  
No que acabas de ordenar !

E passados dez minutos,  
N'uma salva auri-lavrada,  
Uma cabeça apeada  
Com os cabellos hirsutos,  
A' Vesta era apresentada !

Oxalá que este successo  
Faça vér á longuidade,  
Que a verdadeira amisade  
Abomina o louco excesso  
Que não conhece a verdade !

E que o mau viva bem certo  
De que ha um Deus de bondade  
Que castiga a torpidado,  
Quer no meio do deserto,  
Quer no centro da cidade !...

ALVES D'ALMEIDA.

## S. Camillo de Lellis

III

(Continuação)

**S**ALA modesta e simples como simples e modestos são os habitos de quem a habita. As mezas desguarnecidas dos embellezamentos e adornos que se notavam nas salas dos mais abasta-

dos da terra; as cadeiras sem estofos; são de pinho ou nogueira. As paredes caiadas, mas a côr alva, sua primitiva, cedeu o lugar ao tom amarellado com um meio tom bronzeo, originario do muito tempo que decorrera depois que foram caiadas; e o fumo que se introduzia na sala atravez a porta aberta em comunicação com a cosinha, terminara o resultado.

No topo d'esse sanctuario domestico, eschola de virtudes, elevava-se o Christo crucificado, tendo por companhia algumas estampas representando diferentes martyres das sublimes doutrinas do Golgotha, ou lições moraes, philosophicas e instructivas como as mortes do justo e peccador, os novissimos do homem, etc., etc.

Em volta d'uma ampla meza de pinho collocada no centro da sala, e com um pobre candieiro em cima, encontram-se quatro personagens nossos desconhecidos a quem vamos surprehender a conversação.

--Opino que não haja o fogo d'ar-

tificio, objectou d'alli um dos quatro individuos. O dinheiro que inutilmente se gasta n'esse apparatus desnecessario, póde muito bem applicar-se em qualquer necessidade da egreja, e distribuir algum pelas familias mais infelizes.

—O sr. regedor falla bem, conscienciosamente, respondeu outro, mas esquece-se de que o povo em geral tambem gosta dos seus passatempos, das suas alegrias passageiras, dos seus encantos favoritos emfim, e que retirar-lhe um elemento festival que tanto adora, deseja, ambiciona e espera, seria dar-lhe azas ao desprazer, ao descontentamento, o que nós por todas as fórmas devemos evitar, porque a festa sem a alegria do povo, de nada serve, e não apresenta a expansão que pretendemos imprimir-lhe. Será isto verdade? concluiu.

—Gabo-lhe a facilidade com que expõe os interesses do povo.

—Pertence-me!

—Então é seu advogado perante nós? interrogou maliciosamente o regedor.

—Não senhor! Já lhes disse que o povo espera o fogo, e obrando pela fórma que o sr. regedor apresenta, proporcionamos-lhe desintelligencias que a todo o custo devemos evitar, como já disse.

O Padre Correia e o Morgado assistiam calados á discussão dos dois convivas. Contrapezavam interiormente as razões d'um e outro, e esperavam que os dois contendores por fim chegassem a um accordo. Como representantes ambos da irmandade de S. Camillo, competia-lhes resolver os assumptos concernentes á festividade.

Via-se porém como cada um d'elles interpretava a questão do fogo. Um, mais humanitario, catholico e caritativo, queria que os pobres tambem tivessem a sua parte no entusiasmo do povo. O outro, olhando mais ao seu bem estar proprio do que ás misérias dos infelizes, queria a *brincadeira*, o regosijo, o divertimento.

O Morgado apenas fallou quando o regedor lhe pediu a sua opinião, reservando a do parcho para o fim.

—Attendendo a mim sómente, apresentou o fidalgo, opinaria pelo amigo regedor, mas um povo inteiro anhele pelo fogo, e não serei eu que me opponha aos desejos d'esses martyres do trabalho que desejam um simples divertimento, para mitigarem n'essas duas ou tres horas as agruras d'um anno. Inclino-me pois á opinião do snr. Fernando, aguardando todavia o que disser o nosso bom Padre Correia sobre o assumpto.

O venerando parcho, sedento da fidelidade do seu povo, ambicioso da con-

cordia entre as suas ovelhas, phanal com que sempre sonhara, não sabia o que dizer. Todavia tentou acalantar os animos dos dois convivas pela fórma seguinte:

—Este ponto, meus senhores, não é dos mais faceis a resolver, attendendo ao que expõem, ideias tão differentes, desejos tão contrarios. O povo é bom, devemos amal-o, e como para amar é necessario o respeito, respeitmol-o; os seus caprichos são innocentes, proporcionemos-lh'os. Ha comtudo um meio de aplanarmos as difficuldades, applicando a importancia que o pyrotechnico nos tirava, n'um fim mais meritorio, social e humanitario.

—Apresente-nol-o, disse o snr. Fernando.

—Sim, sim, apresente-nos esse meio, e vejamos o resultado, ajuntou o regedor.

Só o morgado se calou. Para elle, valiam mais as palavras do reverendo ancião, do que quantas hypotheses, quantas deliberações resolvessem todas as intelligencias natas da povoação. Bebia as suas fallas como a unica doutrina racional e pura, e com o ouvido á escuta apoiou desde logo interiormente o que o seu parcho ia expôr.

—Todos sabem, continuou o Padre Correia, que ha na povoação 6 aleijados, 3 surdos, 9 cegos e 3 entrevados, o que somna o numero de 21 seres que não poderão assistir ao arraial ou admirar os deslumbrantes effeitos do fogo.

—Isso é verdade, concordaram todos *una voce*.

—Além d'isso, a maior parte d'aquelles 21 infelizes, vivem da caridade publica, e sabe Deus se no dia da festa terão em casa um naco de pão que lhes mitigue a fome.

E uma lagrima rolou pelas faces do Padre Correia, muito sensivel quando se tratava dos males do seu rebanho querido.

—Isso é verdade, oh! se é... observou o fidalgo como que fallando consigo mesmo.

—Pois bem, continuou o virtuoso sacerdote, distribuamos a importancia destinada ao fogo por esses infelizes; façamol-os compartilhar das alegrias dos seus conterraneos.

—Não desapprovo o alvitre do snr. Vigario, disse Fernando Carvalho (o snr. Fernando, como lhe chamavam na aldeia) todavia o dinheiro que julgamos adquirir, bem póde chegar para tudo. Damos uma metade aos pobres e a outra empregamol-a no fogo.

—Olhe, snr. Fernando, creia que ainda podemos empregar melhor a verba que é necessaria para esse passatempo momentaneo, e eu, como pastor do pequeno rebanho que o céu me con-

fioi, vou explicar-lhe como as benções de Deus nos protegerão, caso obremos conforme os dictames do Crucificado. Disse Deus «SEMEAE, E RECOLHEREIS», «QUEM DÁ AOS POBRES, A MIM MESMO DÁ». Pois bem, semeemos obras caritativas, e receberemos louros celestiaes. Deus sempre pagou a quem o serviu.

—Queira explicar-se, redarguiram o regedor e o snr. Fernando.

—Com todo o gosto.

O Padre Correia levantou-se e dirigiu-se a uma pequena estante guarnecida de grandes tomos, escolheu d'entre elles um bastante volumoso e soprando-lhe algum pó que o embotava, bateu com elle devagar sobre a palma da mão esquerda, e começou.

—Temos aqui o 3.º volume do *Anno Christiã de Croiset*...

(*Continúa.*)

J. P. MENEIRO.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Lago de bronze

(Vid. pag. 99)

**M**IRÃO, que foi encarregado por Salomão da construcção do templo, fundiu um immenso vaso de bronze destinado a guardar a agua no templo para uso dos sacerdotes. Tinha mais de cinco metros de diametro e dois e meio de profundidade. Tinha a borda ornada d'um cordão com relevos á volta.

Este *mar de bronze*, como lhe chamavam, estava assente sobre doze bois de bronze, dos quaes tres estavam virados para o septentrião, tres para o occidente, tres para o meio-dia e tres para o oriente. Este lago estava collocado no atrio d'Israel, no lado direito do templo. Tirava-se d'elle agua por quatro torneiras que a vasavam n'uma bacia.

\*  
\* \*

### S. Bonifacio, Bispo e Martyr

(Vid. pag. 105)

S. Bonifacio, bispo de Mayense e martyr, cognominado justamente o apostolo da Allemanha, era inglez e chamava-se Winfrid, diz o Padre João Croiset no *Anno Christiã*. Veiu ao mundo pelos annos de 680 na pequena cidade de Kirton no condado de Devonshire. Seus paes, cheios de piedade, educaram-n'o no temor de Deus; mas seu opulento natural deixou pouco que fazer á educação. A inclinação que mostrou pela vida religiosa preveniu o uso da razão. Tinha apenas cinco annos, e todo o seu prazer era ouvir fallar de Deus e da vida austera dos solitarios. Tendo missionarios evangelicos vindo prégar a

Kirton, e tendo-se apresentado em casa de seu pae, o joven Winfrid soube maravilhosamente aproveitar o soccorro que a providencia lhe proporcionava. Foi d'elles que soube que para chegar a ser santo era necessario renunciar a si mesmo e seguir Jesus Christo; que a vida religiosa era a vida da salvação a mais segura e que o mundo era um mar tempestuoso, cheio de escolhos.

Mal tinham partido os missionarios, quando Winfrid foi pedir permissão a seu pae para entrar em mosteiro. Uma tal proposta surprehende-o extremamente; como estremecia este filho mais do que os outros, oppoz-se a seu desígnio, e prohibiu-lhe que abandonesse a casa paterna. O mancebo obedeceu; mas o Senhor tomou o cuidado de sua vocação. Tendo seu pae cahido perigosamente enfermo, comprehendeu que era em punição da resistencia que oppuzera á vocação de seu filho. Sem esperar pela convalescença, reúne um conselho de parentes, e persistindo Winfrid na resolução de ser religioso, resolveram que um dos amigos da familia o conduziria ao mosteiro de Encanastro.

A physionomia modesta e sympathica do joven, seu natural vivo e engenhoso, seu espirito já formado, sua piedade prematura, resolveram o abade Wolfard a recebê-lo. O entusiasmo, com que esta creança abraçou os exercicios da religião o fez olhar como um presente do céo, que devia ser um dia um dos mais celebres ornamentos da Igreja. Longe de affrouxar depois das provas do noviciado, tornou-se da idade de dez a doze annos um verdadeiro modelo da perfeição religiosa. Como se lhe descobriam mui felizes disposições para as sciencias e um grande pendor para o estudo, julgaram prudente mandá-lo para o mosteiro de Nurselle, onde as letras estavam mais florescentes do que na casa, em que vestira o habito. Ali encontrou um excellent director para virtude e um habil professor de sciencias na pessoa do abade Winbert; taes progressos fez em pouco tempo em uma e outra sciencia, que foi desde logo proposto como modelo á communitade.

Vindo a ser um dos mais santos e dos mais sabios homens do seu seculo, foi encarregado de explicar a grammatica, a poejica, a eloquencia, a historia, e a philosophia a seus irmãos, aos quaes explicou em seguida as sagradas Escripturas segundo o sentido litteral, moral e mystico.

Um merito tão notavel, e uma virtude tão distincta, indigitaram-no para as honras do sacerdocio; tendo pois sido ordenado de presbytero aos 30 annos, começou a trabalhar na salvação das almas, e a instruir os povos pelo ministerio da prégão.

Estava este thesouro então occulto na provincia de Winchester, quando a Providencia descobriu o seu valor a toda a Inglaterra bem inesperadamente. Tendo-se reunido muitos Bispos para um negocio urgente no paiz de Wessx, onde reinava o piedoso Ina, houve necessidade de mandar um ecclesiastico habil para instruir o arcebispo de Cantuaria, seu metropolitano, da reunião. Os abbades propuzeram o padre Winfrid, e foi deputado pelo concilio ao primaz. Tão bem se desempenhou de sua commissão, que os bispos do paiz sempre que se reunissem em concilio exigiam a presença do santo sacerdote.

Este signal de estima e de distincção alarmou sua humildade; resolveu expatriar-se e ir trabalhar na conversão dos infieis em paiz onde o não conhecessem. O seu abade e os irmãos da communitade oppuzeram-se a seu desígnio; mas vencidos por suas fortes razões não se contentaram em approval-o, deram-lhe ainda dois religiosos para o acompanharem em suas viagens.

Tendo deixado as costas da Inglaterra, onde suas prégões tinham tido pouco fructo, aportou ás da Frisa pelos annos de 715. A guerra entre Carlos Martel, principe dos francos, e Radebod, duque dos Frisões, tornou seu zelo menos fructuoso.

Foi ter com este duque a Utrecht, que era então a capital da Frisa; mas não tendo podido obter nada d'elle, viu-se obrigado a regressar á Inglaterra e a reentrar em seu mosteiro de Nurselle. Mal tinha chegado, morre o abade Winbert, e sem maiores hesitações o nosso santo é chamado a substituí-lo. Nunca teria consentido em sua eleição, se não tivesse em vista demittir-se em breve. Fel-o com effeito nas mãos de Daniel, bispo de Winchester, logo que este prelado encontrou um individuo capaz de governar o mosteiro.

Desencarregado d'este fardo, resolveu ir a Roma para pedir ao Santo Padre a missão, persuadido de que a sua primeira viagem tinha sido infructuosa, porque não recebera a benção do Santo Padre. Pelas cartas do bispo de Winchester que informavam o Papa Gregorio II do merito e alta virtude do nosso santo, foi este recebido com signaes distinctos de estima e de benevolencia. Este pontifice teve com elle longas conferencias, durante as quaes descobriu esse fundo de sabedoria, de sciencia e de santidade, que d'elle fizeram um dos maiores homens e dos maiores santos do seu seculo.

Tendo-lhe Winfrid declarado o desejo que tinha de se dedicar inteiramente á conversão dos infieis, o Papa approvou muito seu desígnio, deu-lhe todos os po-

deres necessarios para a missão e escreveu em seu favor a todos os principes, para que secundassem seu zelo. Munido de taes soccorros, parte de Roma no anno de 719, e tendo entrado na Allemanha pela Lombardia, foi direito á Thuringia levar a sementeira da fé de Jesus Christo segundo a ordem que tinha recebido do Soberano Pontifice. As grandes conversões que ahi fez não foram as menores maravilhas que operou; tendo expurgado em menos de seis mezes dos erros do paganismo uns restos de religião christã que lá encontrou, teve a consolação de ver em pouco tempo quasi toda a Thuringia convertida.

N'este entretanto, tendo sabido que o duque Radeborg, inimigo jurado da fé de Jesus Christo, tinha morrido, partiu para a Frisa; juntou-se a Santo Willebrod, fundador e primeiro bispo da igreja de Utrecht; trabalhou n'esta nova vinha do Senhor com tanto successo, que em menos de tres annos viu todo o paiz povoado de christãos, e todos os templos dos idolos mudados em igrejas. Considerando Santo Willebrod que estava decrepito pela muita idade, resolveu-se a escolhel-o para seu coadjutor; mas o santo, assustado só com a proposta, retirou-se e foi prégar a Hesse. Depois a Almenbourg, cujos dois senhores converteu e edificou ali um mosteiro. Cedendo tudo ao zelo maravilhoso do nosso santo, converteu á fé todo esse vasto paiz e levou a luz do Evangelho até ao Elba.

O ruido d'estas maravilhas espalhou-se por toda a parte. O Papa, informado competentemente, quiz receber o novo apostolo. O santo obedeceu; e tendo provido ás necessidades espirituas d'esta nova christandade, veio a Roma. O Papa acolheu-o com todos os signaes de afeição e de estima que mereciam seus serviços e suas virtudes. Louvou a Deus pelos grandes successos, com que coroava seus trabalhos; e considerando as grandes vantagens que adviriam para a Igreja, se um tão santo homem fosse elevado ao episcopado, sem escutar nem suas repugnancias nem suas razões, consagrou-o elle proprio bispo no dia de Santo André no anno 723, e mudou-lhe seu nome de Winfrid no de Bonifacio.

Cumulado de favores das benções do Santo Padre, o novo bispo voltou para a sua querida missão. Chegado ao paiz de Hesse, exercitou-se em toda a plenitude do poder sacerdotal que lhe dera o episcopado.

Prégou e sempre com grande successo; conferiu o sacramento da confirmação áquelles que tinham sido baptizados, inspirando um novo fervor a essa Igreja nascente. Tendo mandado cortar uma velha arvore chamada a força

de Jupiter e que servia como objecto de praticas supersticiosas a esses povos, empregou a madeira que d'ella tirou para edificar uma capella em honra de S. Pedro. Florescente já a religião christã na Hesse e na Saxonia, o novo apostolo voltou á Thuringia, onde fez reflorescer em breve a verdadeira piedade; e tendo deixado ahi santos e zelosos prégadores foi levar a luz da fé á Baviera. D'aqui expulsou um pernicioso agente do demonio, chamado Fremwlfe que, misturando as superstições pagãs com os ritos christãos, infestava todo esse paiz de erros grosseirissimos.

Obrigado pelos negocios da Igreja a fazer uma terceira viagem a Roma no anno 738, foi recebido pelo Papa Gregorio III com ainda maiores signaes de estima e distincção do que lhe dera seu antecessor. Quiz que assistisse a concilio que tinha convocado; e depois de lhe ter dado satisfação a certos pontos disciplinares que diziam respeito á Allemanha, despediu-o para que fosse continuar a sua missão.

S. Bonifacio foi direito a Baviera, para onde recebera convite do duque Odilon. A Baviera tinha então apenas um bispo que o Papa Gregorio III para lá mandara depois das conversões que o nosso santo fizera.

Augmentando o rebanho houve necessidade de multiplicar os pastores. S. Bonifacio, conscante aos poderes que o Papa lhe tinha dado, creou outros bispados que estabeleceu em Saltzbourg, em Frising e em Ratisbonna. O Papa confirmando taes instituições deu louvores a Deus por ter sua misericordia feito entrar em sua Igreja cem mil almas, cuja conversão era effeito dos trabalhos de S. Bonifacio e da protecção que lhe dispensava Carlos Martel; em seguida declarando o nosso santo legado da Santa Sé, exhorta-o a não se fixar em um só lugar, mas a diffundir a fé de Jesus Christo por toda a Allemanha.

Nada podia ser mais agradável ao nosso santo. Percorreu todo esse vasto paiz com trabalhos infinitos, mas tambem com um fructo que correspondia á immensidade de seu zelo.

Estabeleceu quatro sedes episcopaes, uma para a Thuringia, em Erfurd; a outra para a Hesse em Burabourg que foi ao depois transferida para Paderborn; a terceira para a Franconia em Wustzbourg e uma quarta em Eichstat na Baviera. Pouco depois convocou um concilio, onde fez regulamentos muito uteis para a reforma dos costumes e para o restabelecimento da disciplina ecclesiastica. Tantas maravilhas não podiam deixar de ser fructo de incriveis trabalhos; e é facil de comprehender quanto teria o nosso santo que

soffrir para a conversão de tantos povos ainda barbaros. Tinha em pouco, em cima de tudo isso, o castigar-se com jejuns, macerações da carne, injurias, fadigas, e tudo o que tinha soffrido, se seus trabalhos immensos não fossem coroados pelo martyrio. «O objecto de meus votos, escrevia a Cuthbert, bispo de Cantuaria, é dar o meu sangue pela fé de Jesus Christo e pela defeza do Evangelho. «Combatamos pelo Senhor, accrescenta, porque estamos em dia de afflicção.

«Morrámos, se Deus o quer, pelas santas leis de nossos paes, afim de chegar com elles á herança eterna. Não sejamos cães mudos, sentinellas adormecidas ou mercenarios que fogem á vista do lobo: sejamos pastores cuidadosos e vigilantes, prégando a todos, sem excepção de pessoas, e não lisongeando o peccador.»

Reuniu dois outros concilios, um em Lestines na diocese de Cambrai no anno 744, e o outro em Soissons um anno depois: o que induziu a crer que tambem era legado da Santa Sé em França.

A guerra que por toda a parte declarava ao vicio e á heresia attraheu-lhe bastantes perseguições, sobretudo da parte dos maus padres. Adalberto e Clemente, dois hereges denunciados, exerceram muito sua paciencia e sua virtude: o primeiro foi condemnado no concilio, reunido em Soissons; e um e outro pelo Papa Zacharias que tinha succedido a Gregorio.

Os cuidados fatigantes de sua legação não impediam os trabalhos de seu apostolado. Com o augmento da seara era mister convidar novos operarios: chamou da Inglaterra muitos santos religiosos para governar os mosteiros que fundara e chamou as santas Thecla, Liobe, Volburga, Bertigida, Gertrudes, que encarregou dos mosteiros de donzellas que fundara na Thuringia, na Baviera, em Chisinge e em outras partes. A sollicitude particular de tantas igrejas não o impedia de dirigir pelas vias da perfeição muitos particulares.

E' a seus prudentes conselhos que se attribuem os grandes progressos que fez na virtude o principe Carlomano, duque dos francos, que, renunciando a todas as grandezas mundanas, abraçou a vida religiosa para só cuidar de sua salvação.

Tão brilhante veio a ser a reputação de S. Bonifacio que Pepino, segundo irmão de Carlomano, por occasião de ser reconhecido rei dos francos quiz ser sagrado pelo nosso santo. A cerimonia teve lugar em Soissons.

Até aqui S. Bonifacio, como legado apostolico, não se tinha fixado em nenhuma igreja particular; tendo porém vagado a sé de Mayence pela deposição de Gewodio, S. Bonifacio foi posto

em seu lugar pelo Papa Zacharias, que e não honrava menos de que os seus antecessores, e que submetteu a essa igreja, erecta em metropole, os bispados de Liege, de Utrecht, de Colonia, de Worms, de Spira, de Strasbourg, Constança, Coire, Augsbourg, Eichstat, Wurtzbourg, Erfurd, e Burabourg.

Mas não tardou a largar esta dignidade, porque não podendo esquecer que se tinha consagrado á conversão dos infieis, não podia ter repouso.

A salvação dos povos do norte despertou seu zelo; tendo obtido do Papa Zacharias permissão para renunciar seu bispado, logo que S. Lello, seu discipulo, foi n'elle provido, partiu para a Frisa septemptrional. O desejo extraordinario que tinha do martyrio foi para elle um presentimento de sua morte. Depois de ter provido ás necessidades das igrejas de sua legação, dirigiu-se para as costas as mais longinhas da Frisa, levando em sua companhia Santo Eoban, bispo de Utrecht, tres frades, tres diaconos, e quatro religiosos que o secundaram tão bem, que pouco depois de sua chegada tinha operado milhares de conversões.

Havendo baptizado um grande numero na vigilia de Pentecostes, marcou-lhes um dia da semana para lhes conferir o sacramento da confirmação. A grande multidão indicou ao santo a resolução de lhes administrar este sacramento em pleno campo. Escolheu para isso a planicie de Dookum perto da ribeira de Borda. Os sacerdotes dos idolos, enfurecidos por toda a parte seus nos templos, reunindo um troço de pagãos, vieram sobre os santos missionarios de espada em punho, para os assassinar. O santo ao ver seus desejos cumpridos poz-se de joelhos e levantando as mãos e os olhos ao céo, agradeceu ao Senhor a graça que lhe concedia de terminar seus apostolicos trabalhos pelo martyrio. Em seguida dirigindo-se a seus carros companheiros, exhortou a todos a darem generosamente seu sangue por Jesus Christo, representando-lhes a vantagem em trocar uma vida curta, cheia de miserias e adversidades, por uma vida feliz e eterna. Os barbaros não lhe deram tempo de continuar, porque, tendo-o envolvido e aos seus, o cobriram de golpes e lhe tiraram a vida a elle e ao bispo Eoban, aos tres padres e aos tres diaconos e a quatro religiosos e a mais de quarenta outras pessoas d'entre os fieis que estavam já debaixo da tenda. Eis como S. Bonifacio, o apostolo da Allemanha, adquiriu a coroa do martyrio com cincoenta e dois mais que tiveram parte na mesma ventura a 5 de junho do anno 754 ou 755. Tinha 75 annos de idade, trinta e seis de episcopado e havia quarenta que entrara na Allemanha.

Seu corpo foi transportado a Utrecht e d'ahi pouco depois para Mayence e em seguida para Fulda pelo bispo S. Lello, como o nosso santo tinha comsigo, e que os pagãos tinham desprezado depois de sua morte e ainda hoje se conservam tres: um contem os canones do novo Testamento; o outro que está salpicado de sangue do martyr contem a carta de S. Leão a Theodoro, bispo de Frejus e algumas outras obras dos santos padres; e o terceiro que se crê ter sido escripto por sua propria mão é um livro dos Evangelhos.

As cartas de S. Bonifacio tanto aos Papas, como aos principes, das quaes Serario deu uma colleção ao publico mostram o grande talento d'este santo, seu ardente zelo pela reforma dos costumes, sua profunda humildade e sua grande delicadeza de consciencia.

## SECÇÃO NECROLOGICA



No dia 19 de abril falleceu em Villa de Rei o snr. Antonio Henrique das Neves, nosso presado assignante.

Era um bom catholico, dotado das mais esplendidas qualidades.

A sua familia enviamos a expressão sincera da nossa condolencia e aos leitores pedimos intercedam ao Altissimo pela alma de tão saudoso extincto.

## RETROSPECTO

### Morte d'um apostolo da caridade

Morreu em Oviedo o rev. Padre Domingos Vinjoy, virtuoso sacerdote, fundador do asylo do seu nome e que consagrou toda a sua vida a recolher e a educar creanças orphãs, tornando-as homens uteis a si e á sociedade.

O rev. Domingos Vinjoy tinha creado um bello nome de virtude e caridade em toda a Hespanha, e a sua morte foi sentidissima. Diz um jornal madrileno que deixa uma vaga difficil de preencher.

### Os missionarios e as nossas colonias

Lêmos n'um jornal hespanhol:

«Emquanto as colonias portuguezas estão sem missionarios nacionaes, graças á indiferença e descuido dos governos, os Padres d'aquella nação prégam a fé catholica em possessões es-

trangeiras. Oito Padres portuguezes acham-se á frente d'outras tantas egrejas em New-Bedford (Estados-Unidos da America do Norte).»

Ainda ao menos que no estrangeiro se attribue a indiferença e descuido á falta de missionarios nas nossas possessões. Se dissessem que era devido a ignorancia ou aos odios soprados pela maçonaria, não se enganavam.

### Bens d'alma

Morreu em Madrid uma senhora que deixou um importante legado para bens de sua alma, sendo um dos encargos mandar rezar 114:000 missas.

### Esta é a minha cruz

Maria Angela de Tardien, em religião Irmã de S. Carlos, achava-se um dia á cabeceira d'um ferido, a quem tinham fracturado um braço, que ella ligava matenalmente, quando ouviu o rufar dos tambores e o som dos clarins dos batalhões que se dirigiam para a praça das Armas.

—Oh!—observou com a maior simplicidade—o que occorrerá esta manhã?

Alguns instantes depois abriu-se a porta e appareceu o medico-director do serviço, vestido de gala.

—Irmã, o general deseja fallar-lhe.

A Irmã de S. Carlos olhou para o medico e respondeu:

—Irei logo. Ao general sobra-lhe o tempo, não é verdade? bem, que me espere.

E apontando para o ferido disse:

—Eis aqui um valente cuja cura não posso deixar ficar em meio.

Sem outra preocupação continuou a cuidar do doente. Collocou os diversos frascos de antisepticos n'uma caixinha, e depois de ter posto tudo em ordem foi ao encontro do general.

O hospital era situado um pouco distante da praça das Armas.

Ao transpôr a porta, a boa Irmã avistou as companhias formadas em columna, o brilho das luzidas bayonetas caladas nas espingardas e uma grande multidão de curiosos.

Ao chegar a Irmã junto do general, os officiaes gritaram:—«Apresentar armas!...» e as bayonetas brilharam feridas pelos raios do sol; em seguida uma voz de commando, e o rufar dos tambores abafou durante alguns segundos o rumor da multidão.

O general, commovido, aproximou-se da Irmã e pôz-lhe ao peito a fita de cavalleiro, de côr roxa escarlate. Ainda se não ouvia o rufar dos tambores, e a condecorada não tinha sahido do seu assombro, quando ao inclinar a cabeça sobre o peito, viu a cruz, fez um movimento de admiração, desprendeu-a e guardou-a sem precaução no bolso do seu avental.

—Mas, Irmã!...—objectou o general.

Ella fitou-o com altivez, e pegando no crucifixo que levava á cinta a modo de arma defensiva, replicou-lhe:

—A minha cruz é esta! — E afastou-se rapidamente.

Reflectindo, voltou para a rectaguarda e perguntou:

—Diga-me, general, é verdade que isto proporciona 250 francos cada anno?...

E como aquelle lh'o affirmasse cahiu de joelhos deante das tropas e gritou n'um impulso d'amor divino:

—Duzentos e cincoenta francos cada anno! Oh! graças, meu Deus! Serão para os meus convalescentes!

### Tentativa de roubo n'uma igreja

Dois estrangeiros tentaram roubar da igreja do extincto mosteiro de S. Bernardo, em Tarouca, dois quadros antiquissimos, um dos quaes com a imagem de S. Braz. Foram porémsurprehendidos na sua tentativa. Tocou o sino a rebate, juntou-se muito povo, mas os dois estrangeiros conseguiram fugir a salvo, o que é para lastimar, pois precisavam d'um correctivo para não terem vontade de repetir a *gracinha*.

### Bello exemplo d'uma piedosa christã

Uma joven christã, negra, chamada Helena, educada pelas Irmãs da Caridade em Librevilla (Africa Occidental), teve que regressar á sua aldeia de Onimbiaux, onde vivia um missionario protestante, que nas suas prédicas ridicularisava o culto á Mãe de Deus. Então a pobre negra recitava o Rosario em voz alta, sendo imitada por muitos dos seus visinhos, o que exasperava o pastor evangelico que em vão tentava fazel-os calar.

Prevenido do succedido, acudiu á aldeia o rev. Padre Lejeune, da Congregação do Espirito Santo, e teve a consolação de ver dia a dia augmentar o numero de fieis que assistiam á missa, resada em um modesto altar portatil, e durante a qual os pobres negros não faziam mais que repetir a *Ave-Maria*, unica oração que poderam aprender desde a chegada de Helena.

Deus Nosso Senhor se compadeça d'aquellas pobres almas e lance sobre ellas abundantes graças para que se convertam e se salvem.

### O Pastor divino e a alma

Considere-se a alma uma sociedade sem caminho, em trevas e obscuridade, cercada de lobos, de leões e ursos, e desfavorecida pelo céu e pela terra, mas só com a protecção d'este Pastor que a defende ou guia. D'esta maneira nos vêmos muitas vezes em trevas e

cercados de ambição e amor proprio, e de tantos inimigos visiveis e invisiveis, onde não ha outro remedio senão chamar aquelle divino Pastor que só nos livra de taes afflições.—*Santa Thereza de Jesus.*

#### Os astros e o céu

Le Verrier, o grande astronomo christão, acaba de descobrir um novo planeta.

O Bispo de Coutances, encontrando-o, felicitou-o por esta descoberta, dizendo-lhe: «Quereis, senhor, elevar até aos astros a gloria do vosso nome.» O sabio respondeu: «Monsenhor, eu aspiro subir ainda mais alto; tenho a ambição d'ir até ao céu.»

#### Consistorio

O Santo Padre Leão XIII, realiso no dia 19 d'abril, na sala Consistorial do palacio apostolico do Vaticano, ás 10 horas e meia da manhã, o annuciado Consistorio, comprehendendo uma parte secreta e parte semi-publica. Na primeira parte, o Soberano Pontifice dirigiu primeiramente ao Sacro Collegio, excluindo todos os outros personagens, uma allocução relativa á proxima canonisação do bemaventurado Antonio Maria Zacharias, fundador da Congregação dos Clerigos regulares de S. Paulo, chamados Barnabitas, e d'outra Congregação conhecida por Congregação das Virgens Angelicas, assim como do bemaventurado Pedro Fourrier de Maintincour, que evangelizou Lorena, reformou a Ordem dos Conegos regulares de Santo Agostinho e fundou a Congregação das religiosas de Nossa Senhora, segundo a mesma regra de Santo Agostinho. O Soberano Pontifice enalteceu as virtudes e os milagres dos dous Bemaventurados que vão ser canonisados e concluiu exhortando todos os Cardeaes presentes a juntar o seu *placet* ao voto favoravel já dado pelos seus Em.<sup>mos</sup> Collegas da Sagrada Congregação dos Ritos.

No fim da sua allocução, o Santo Padre designou os novos Cardeaes que ia crear e dos quaes fez o elogio; depois da pergunta ritual ao Sacro Collegio: *Quid vobis videtur?* elle effectivamente creou e publicou os novos Cardeaes.

#### Catholicos em Inglaterra

A Inglaterra catholica celebrará em junho proximo o XIII centenario da chegada de Santo Agostinho á Ilha dos Santos. Entre outras solemnidades terá logar uma grande cerimonia religiosa n'um prado de Ramsgate (territorio situado no condado de Kent, entre Dover e a embocadura do Tamisa), onde o Santo desembarcou depois de ter atra-

vessado o canal da Mancha. O Cardeal Vaughan, Arcebispo de Westminster, todos os Bispos de Inglaterra e alguns Prelados do continente, entre elles o snr. Cardeal Perriaud, Bispo de Autun, França, honrarão a festa com a sua presença.

#### Uma estatua ao dr. Guerin

Em Ploermel, França, levantou-se uma estatua ao dr. Guerin, bretão, que no exercicio da medicina adquiriu grande fama, e por esta razão conta-se d'elle a seguinte anedocta:

Um pouco antes da guerra de 1870, o dr. Guerin foi chamado para ir visitar o Soberano Pontifice Pio IX, então enfermo. O sabio francez passou sete semanas em Roma ao lado do seu illustre cliente.

Um dia, tendo auscultado o Santo Padre, o doutor disse-lhe em seguida: «Hei-de evitar que os meus patricios saibam que a minha cabeça se apoiou sobre o Vosso peito; conheço os meus bretões e sei que são capazes de cortar-me as orelhas para as guardarem como reliquias.»

#### As tropas do Papa

As tropas pontificias comprehendem actualmente cinco corpos distinctos: a guarda nobre, a guarda suissa, a guarda do palacio, os gendarmes e os agentes secretos.

A guarda nobre é commandada pelo principe Alfieri e conta cincoenta guardas aproximadamente. São recrutados entre as familias da aristocracia romana affectas á Santa Sé e os seus membros recebem um soldo de 300 a 400 francos por mez; além d'isto, em certas occasiões, como, por exemplo, ao levar as insignias aos Cardeaes recentemente promovidos, recebem alguns milhares de francos.

A guarda suissa comprehende cem homens, todos de elevada estatura e de bom aspecto. O seu serviço consiste em guardar as sahidas do Vaticano. Estão armados com espingardas Remington, e sob o ponto de vista militar, produzem boa impressão: recebem, além da alimentação, um soldo mensal de 60 a 120 francos.

A guarda do palacio está dividida em duas companhias, cujos membros são recrutados entre a burguezia romana; o serviço d'estes é feito sómente nas grandes solemnidades e não téem soldo; recebem só uma indemnisação annual para as despezas do uniforme e equipagem. O seu chefe é o general Crostarosa, tendo como auxiliares dous chefes de batalhão, quatro capitães e oito tenentes. Esta guarda possui tambem uma banda de musica.

Os gendarmes pontificios são 120 e

o seu serviço consiste em manter a ordem no interior do Vaticano. Parece que ha algumas divergencias entre os gendarmes e a guarda suissa; chegou-se até a pensar no Vaticano em dissolver a gendarmaria e duplicar o effectivo da guarda suissa.

Os agentes secretos são em numero de trinta, mas, como pôde suppôr-se, em poucas occasiões fazem serviço.

Todos estes corpos estão sob a direcção do ministerio das Armas, que publica um antigo jornal militar hebdomadario intitulado *La Fedeltà Cattolica*.

O total das forças pontificias conta um effectivo de seiscentos homens.

#### Dispensa da abstinencia de carne na Quaresma

O rei da Bohemia, Wenceslau, estava bastante enfermo, e como a comida de peixe era prejudicial para a sua saude, dirigiu-se em 1297 a Bonifacio VIII, afim d'obter a permissão de comer carne durante a Quaresma.

O Pontifice encarregou dous Padres da Ordem de Citeaux de se informarem a respeito do estado real da saude do principe; e á vista da informação d'estes, concedeu a dispensa pedida, impondo todavia as seguintes condições: Que o informassem se o rei teria feito o voto de jejurar toda a sua vida durante a Quaresma; que as sextas-feiras, sabbados e a vigilia de S. Mathias seriam exceptuadas da dispensa; emfim que o rei havia de comer secreta e sobriamente.

#### Contra o luxo

Ha tempo que entre as mulheres da Bulgaria dominava uma paixão immoderada pelo luxo. Nas recepções as senhoras rivalisavam no luxo e sumptuosidade, gastando quantias desproporcionadas ás suas fortunas.

A princeza Luiza, esposa do principe Fernando da Bulgaria, quiz acabar com este estado de coisas.

Mandou tirar modelos de todos os trajos nacionaes bulgaros, e fez confeccionar sobre estes modelos um novo vestuario, simples, de pouco custo e com todos os caracteres d'um trajo nacional. Annunciou que este trajo seria obrigatorio para todas as recepções officiaes, bailes, *soirées*, etc., etc. As damas de honor da princeza foram as primeiras que seguiram o exemplo da sua senhora, as quaes foram imitadas pelas mulheres dos ministros e altos funcionarios.

E' digna de applauso a iniciativa da princeza da Bulgaria e oxalá que o seu exemplo seja imitado, pois como se sabe, o luxo é a alma damnada do vicio.